



Da narrativa *à poesia*





Objetivos do programa

- ✓ **“Apreciar criticamente a dimensão estética dos textos literários, portugueses e estrangeiros, e o modo como manifestam experiências e valores.”**
- ✓ **“Reconhecer a inscrição da matriz cultural na aprendizagem do Português.”**
- ✓ **“Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.”**

Contextualizar

Educação Literária e Leitura

Antes do texto

1. Conheces a história de "Ali Babá e os quarenta ladrões"?

1.1. De acordo com a ilustração da capa do livro, julgas que a história que vais ler é semelhante àquela que conheces? Justifica a tua resposta.

2. Explica o motivo para esta história não ter o nome de um autor atribuído.

Texto

A caverna das maravilhas

Numa cidade do Oriente, cujas muralhas brancas brilhavam no sopé¹ da montanha Qâf, viviam dois irmãos. O mais velho chamava-se Qassem e o mais novo Ali. O pai deles era um modesto curtidor de peles². Qassem casou-se com a filha de um rico mercador, que ao morrer lhe deixou os seus bens. A sua loja, situada numa praça sombreada de plátanos onde havia uma fonte aberta por um quiosque, oferecia aos clientes perfumes delicados e tecidos preciosos.

Ali também se casou. E para sustentar a sua família, ia ao monte cortar lenha que atava em feixes³ e vendia. Ao amanhecer, quando a luz ainda é cor-de-rosa, viam-no passar debaixo do arco de pedra lavrada⁴ da porta da cidade, levando o burro pela arreata⁵.

"Como vai isso hoje, Ali Babá?" perguntavam-lhe um ou outro que estava a abrir a sua loja.

Era como se lhe dissessem: "Como vai isso, tio Ali?", porque em árabe *babá* quer dizer "bom", "boa pessoa", e Ali tinha fama de ser justo e de bom coração.

Ali respondia com uma palavra amável e seguia o seu caminho. Depois de sair dos muros da cidade, subia por atalhos para ir limpar com o machado um canto da floresta e cortar a lenha em achas⁶.

Um dia em que andava ali a trabalhar, notou uma nuvem de poeira no vale, entre as oliveiras. Era uma coluna⁷ de cavaleiros que surgiu na base do

outeiro⁸, no atalho que ele tinha seguido. "Vão passar por aqui não tarda nada – disse Ali para si mesmo. – Quem serão eles? Honestos viajantes? Salteadores⁹ de estrada?... Seja como for, quando eles aqui chegarem será tarde para saber!"

E decidiu esconder-se. O seu burro, a pastar por aqui e por ali, tinha-se afastado e já não se avistava. Ali optou por não o chamar, atravessou umas moitas e subiu para o alto de um cipreste¹⁰ muito frondoso. No seu entender, era tempo de deixar a caravana¹¹ passar.

Mas qual não foi o seu espanto quando, pouco depois, os cavaleiros pararam as suas montadas mesmo por baixo dele! Ficou a observá-los sem se mexer. Debaixo do *umbaz*, a larga capa que os envolvia, adivinhavam-se armas afiadas. "É sem dúvida um bando de salteadores!", concluiu Ali para si mesmo. Contou exatamente quarenta, e não se encontrava lá muito seguro, escarranchado¹² sobre um ramo.

Os homens desamarravam os alforjes¹³ que pendiam das selas dos seus cavalos. Um deles, afastando umas ramagens, chegou junto de uma saliência rochosa que se erguia, abrupta¹⁴, mesmo ao pé da árvore de Ali. E o lenhador ouviu-o gritar:

– Abre-te, sésamo!

E de imediato se desenhou na rocha uma abertura para lhes dar passagem!

– Entremos – disse o homem.

– Nós vamos atrás de ti, Qoja Hussein.

Voltando-se um pouco, aquele que acabava de responder chamou os outros com um gesto. E, carregando o seu saque¹⁵, desapareceram todos na brecha, até ao último. Agora o que Ali mais desejava era recuperar o seu burro e fugir. Mas não iriam os ladrões sair nesse mesmo momento? Se eles o descobrissem ali, a sua vida não teria grande valor!

"O mais seguro é não fazer nada", pensou ele.

E ficou empoleirado na árvore, tão imóvel como um saco de tâmaras. Assim se passaram talvez umas duas horas. Como os minutos pareciam longos! Por fim, os homens voltaram a aparecer e montaram todos a cavalo.

Ali voltou a contá-los: quarenta, contando com o chefe; tinham saído todos! Esperou até ver a coluna afastar-se na planície, antes de se arriscar a descer. Depois, já tranquilo, pensou: "Vejamos se esta montanha me obedece também a mim!" E avançou entre o matalgal até ao rochedo.

PROFESSOR



Leitura e Escrita: 6.1; 7.1; 8.2; 8.3; 9.2; 9.4; 9.5; 10.1; 10.2; 11.1; 11.2; 11.3; 12.1; 12.2; 12.3; 12.4; 12.5; 16.1; 17.1; 17.2; 17.3; 17.4
Educação Literária: 18.1; 18.6; 18.7; 18.11; 19.1; 20.1; 20.3
Gramática: 22.1

Educação Literária e Leitura

Antes do texto

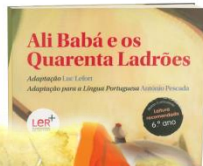
1. Resposta pessoal.

1.1. Resposta pessoal, mas convém direccionar os alunos para o facto de se tratar da mesma história, estando na imagem representada a gruta que se abre com a famosa frase "Abre-te, sésamo!". Dentro da caverna estará o tesouro dos quarenta ladrões.

2. Esta história não tem o nome de um autor atribuído porque pertence à literatura de tradição oral. É um dos contos da obra *As mil e uma noites*, uma coleção de histórias e de contos populares originários do Médio Oriente e do Sul da Ásia e compilados em língua árabe a partir do século IX.

TROCADO POR MIÚDOS

8. outeiro: elevação de terreno; colina; monte.
9. salteadores: assaltantes; ladrões.
10. cipreste: espécie de árvore.
11. caravana: elevado número de pessoas que se juntam em viagem.
12. escarranchado: sentado com as pernas muito abertas.
13. alforjes: bolsas grandes que se dividem em dois compartimentos.
14. abrupta: escarpada; íngreme.
15. saque: produto de um assalto.



Educação Literária e Leitura

Antes do texto

1. Conheces a história de "Ali Babá e os quarenta ladrões"?

1.1. De acordo com a ilustração da capa do livro, julgas que a história que vais ler é semelhante àquela que conheces? Justifica a tua resposta.

A caverna das maravilhas

Numa cidade do Oriente, cujas muralhas brancas brilhavam no sopé¹ da montanha Qâf, viviam dois irmãos. O mais velho chamava-se Qassem e o mais novo Ali. O pai deles era um modesto curtidor de peles². Qassem casou-se com a filha de um rico mercador, que ao morrer lhe deixou os seus bens. A sua loja, situada numa praça sombreada de plátanos onde havia uma fonte coberta por um quiosque, oferecia aos clientes perfumes delicados e tecidos luxuosos.



Educação Literária e Leitura

Antes do texto

1. Conheces a história de "Ali Babá e os quarenta ladrões"?

Se acordar com a ilustração da capa do livro, julgas que a história que vais ler é aquela que conheces? Justifica a tua resposta.

Ali Babá e os
Quarenta Ladrões



Transcreve uma expressão que comprove que o texto que acabaste de ler decorre num contexto geográfico longínquo.

erna das maravilhas

do Oriente, cujas muralhas brancas brilhavam no sopé¹ da viviam dois irmãos. O mais velho chamava-se Qassem e o pai deles era um modesto curtidor de peles². Qassem casou-se com a filha de um rico mercador, que ao morrer lhe deixou os seus bens. A cidade estava situada numa praça sombreada de plátanos onde havia uma fonte e um quiosque, oferecia aos clientes perfumes delicados e tecidos preciosos.



Relacionar

PROFESSOR



Leitura e Escrita: 7.2; 8.1; 8.2;
8.4; 9.1; 9.5; 10.1
Educação Literária: 18.1; 18.2;
18.6; 18.7; 18.8; 18.9; 18.11; 19.1

Educação Literária e Leitura

Antes dos textos

1.1. A figura central da imagem A está a tentar avistar terra.
1.2. Em terra pode ver-se um cavalo, três raparigas e algumas árvores.



Lá vem a Nau Catrineta que traz muito que contar (dois dos três painéis que compõem o tríptico), Almada Negreiros, 1943-45, Gare Marítima de Alcântara, Lisboa

Educação Literária e Leitura

Antes dos textos

1. Observa atentamente as imagens correspondentes a dois dos três painéis que compõem o tríptico de Almada Negreiros, exposto na Gare Marítima de Alcântara, em Lisboa.

1.1. O que está a fazer a figura central da imagem A?

1.2. Enumera os elementos que se conseguem avistar em terra, na imagem B.

Texto A

A nau Catrineta

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouve, agora, senhores,
Uma história de pasmarr.

5 Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar¹.
Deitaram sola de molho

10 Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar².
Deitam sortes à ventura³
Qual se havia de matar;

15 Logo foi cair a sorte
No capitão-general.

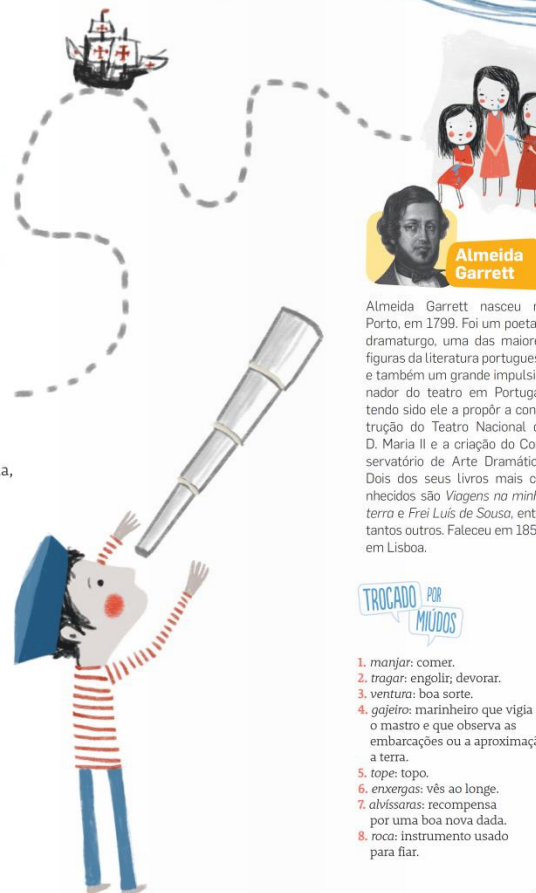
– “Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras d’Espanha,

20 As praias de Portugal.”
– “Não vejo terras d’Espanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.”

25 – “Acima, acima, gajeiro⁴,
Acima ao tope⁵ real!
Olha se enxergas⁶ Espanha,
Areias de Portugal.”

– “Alvissaras⁷, capitão,
30 Meu capitão-general!
Já vejo terras d’Espanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo três meninas,
Debaixo de um laranjal:

35 Uma sentada a coser,
Outra na roca⁸ a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.”



Almeida Garrett

Almeida Garrett nasceu no Porto, em 1799. Foi um poeta e dramaturgo, uma das maiores figuras da literatura portuguesa e também um grande impulsionador do teatro em Portugal, tendo sido ele a propor a construção do Teatro Nacional de D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Dois dos seus livros mais conhecidos são *Viagens na minha terra* e *Frei Luís de Sousa*, entre tantos outros. Faleceu em 1854, em Lisboa.

TROCADO POR MIÚDOS

1. manjar: comer.
2. tragar: engolir; devorar.
3. ventura: boa sorte.
4. gajeiro: marinheiro que vigia o mastro e que observa as embarcações ou a aproximação a terra.
5. tope: topo.
6. enxergas: vês ao longe.
7. alvissaras: recompensa por uma boa nova dada.
8. roca: instrumento usado para fiar.

A Nau Catrineta

Lá vem a Nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma história de pasmar.

- 5 Passava mais de um ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar¹.
Deitaram sola de molho
- 10 Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar².
Deitaram sortes à ventura³
Qual se havia de matar;
- 15 Logo foi cair a sorte
No capitão-general.
– “Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras de Espanha,
- 20 As praias de Portugal!”

UNIDADE 6

Texto poético

Ficha 7

PROFESSOR



Letura e Escrita: 72, 81, 82,

84, 91, 92, 93,

Educação Literária: 18, 1, 18, 2,

18, 6, 18, 7, 18, 8, 18, 9, 18, 10, 18, 11

Educação Literária e Leitura

Antes dos textos

1.1. A figura central da imagem A

está a tentar avistar terra.

1.2. Em terra pode ver-se

um cavalo, três raparigos

e algumas árvores.

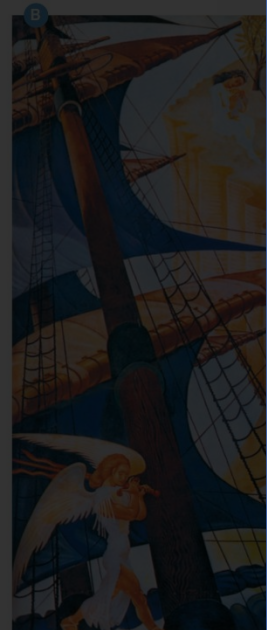
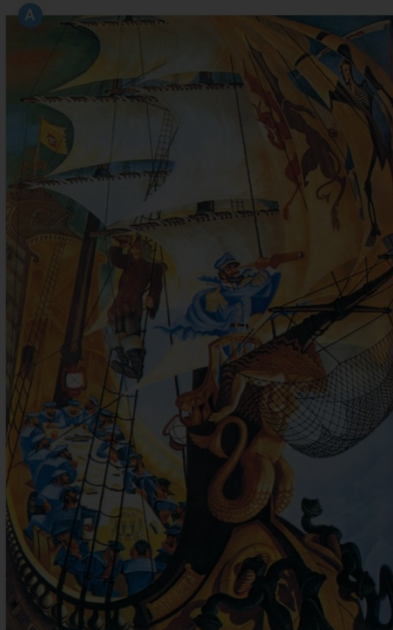
Educação Literária e Leitura

Antes dos textos

1. Observa atentamente as imagens correspondentes a d
que compõem o tríptico de Almada Negreiros, exposto r
Alcântara, em Lisboa.

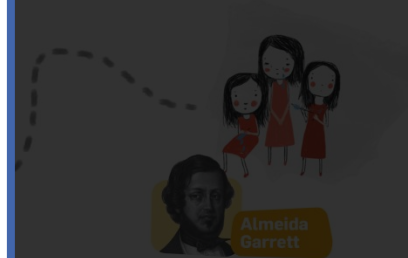
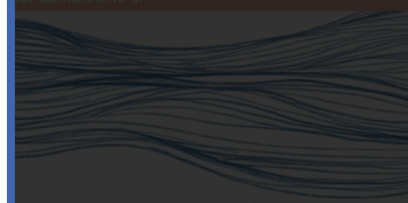
1.1. O que está a fazer a figura central da imagem A?

1.2. Enumera os elementos que se conseguem avistar em



Lá vem a Nau Catrineta que traz muito que contar (dois dos três painéis
Almada Negreiros, 1943-45, Gare Mar

er castelos no ar



Almeida
Garrett

Almeida Garrett nasceu no
Porto, em 1799. Foi um poeta e
dramaturgo, uma das maiores
figuras da literatura portuguesa
e também um grande impulsio-
nador do teatro em Portugal,
tendo sido ele a propor a cons-
trução do Teatro Nacional de
D. Maria II e a criação do Con-
servatório de Arte Dramática.
Dois dos seus livros mais co-
nhecidos são Viagens na minha
terra e Frei Luís de Sousa, entre
tantos outros. Faleceu em 1854,
em Lisboa.

TROCADO POR
MULHERES

1. manjar: comer.

2. tragar: engolir, devorar.

3. ventura: boa sorte.

4. gajeiro: marinheiro que vigia
o mastro e que observa as
embarcações ou a aproximação
a terra.

5. tope: topo.

6. enxergas: vês ao longe.

7. alvissoras: recompensa

por uma boa nova dada.

8. roca: instrumento usado

para fiar.





O que faz a figura central da imagem 1?





1



2



**Enumera os elementos
que se avistam em
terra na imagem 2.**

I**dentific**ar-se

PROFESSOR



Oralidade: 1.1; 1.2; 1.3; 1.5; 2.1
Leitura e Escrita: 7.1; 7.2; 8.1;
8.2; 8.3; 8.4; 10.1
Educação Literária: 18.1; 18.2;
18.7; 18.8; 18.11; 19.1

Educação Literária e Leitura

Antes dos textos

1.1.

a) bordo; b) camarote; c) tinteiro;
d) tempestade; e) embarcação;
f) rolo; g) pulso; h) obra.

Educação Literária e Leitura

Antes dos textos

1. Um dos textos que vais ler foi escrito por Luís de Camões.

1.1. Completa, com as palavras da caixa abaixo, o texto que resume o célebre episódio da sua vida representado na banda desenhada aqui reproduzida.

bordo • tempestade • tinteiro • obra
rolo • embarcação • camarote • pulso



Jorge Miguel, Camões – De vós não conhecido nem sonhado?, Lisboa, Plátano Editora, pp. 49 e 51

Luís de Camões tinha partido de Macau a **a)** _____ de uma nau. Escrevia, como era hábito, no seu **b)** _____, quando um forte abalo lhe entornou o **c)** _____ sobre a folha de papel. Não tardou a que percebesse que se tratava de uma **d)** _____. Os ventos fortes e as grandes ondas viraram a **e)** _____. Procurando salvar a sua obra, Luís de Camões atou as folhas escritas num **f)** _____, que prendeu ao **g)** _____ com uma corda. Mais tarde, foi encontrado assim, numa praia, desmaiado mas vivo, salvo ele e salva a **h)** _____.

Texto A

Lianor

Mote

Descalça vai pera a fonte
Lianor pela verdura;
Vai fermosa e não segura.

Voltas

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata¹
Sainho de chamalote²;
Traz a vasquinha³ de cote,
Mais branca que a neve pura.

10 Vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca⁴ a garganta,
Cabelos de ouro entrançado,
Fita de cor de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta.

15 Chove nela graça tanta,
Que dá graça à fermosura.
Vai fermosa, e não segura.

Luís de Camões, in Sophia de Mello Breyner
Andresen (seleção), *Primeiro livro de poesia*,
14ª ed., Porto, Porto Editora, 2015, p. 100



Luís de Camões

Luís Vaz de Camões é considerado um dos maiores poetas da literatura portuguesa. Nasceu, segundo se crê, em 1524. Terá estudado em Coimbra e, regressado a Lisboa, frequentou a corte de D. João III. Escreveu poesia lírica e é o autor da epopeia portuguesa *Os Lusíadas*. Faleceu em 1580, em Lisboa.

TROCADO POR MIÚDOS

1. *escarlata*: tecido de cor vermelha.
2. *chamalote*: tecido de lã de camelo ou de lã e seda.
3. *vasquinha*: casaco curto e justo ao corpo.
4. *touca*: acessório feminino que cobre a cabeça.



PROFESSOR

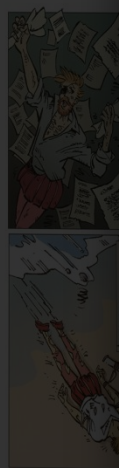


Oralidade: 1.1; 1.2; 1.3; 1.5; 2.1
Leitura e Escrita: 7.1; 7.2; 8.1;
8.2; 9.2; 9.4; 10.1
Educação Literária: 10.1; 10.2;
10.7; 10.8; 10.11; 10.1

Educação Literária e Leitura

Antes dos textos

1.1. a) bordo; b) camarote; c) tendão;
d) tempestade; e) embarcação;
f) mão; g) pote; h) cota.



Jorge Miguel, C

Luís de Camões tinha partido de Macau a a) _____
hábito, no seu b) _____, quando um forte abalo
bre a folha de papel. Não tardou a que percebesse que se t
ventos fortes e as grandes ondas viraram a e).
de Camões atou as folhas escritas num f) _____, que
uma corda. Mais tarde, foi encontrado assim, numa praia, d
a h) _____.

Educação Literária e Leitura

Antes dos textos

1. Um dos textos que vais ler foi escrito por Luís de Camões.

1.1. Completa, com as palavras da caixa aba
episódio da sua vida representado na

bordo • tempestade •
rolo • embarcação • ca

Texto A

Lianor

Mote

Descalça vai pera a fonte
Lianor pela verdura;
Vai fermosa e não segura.

Voltas

Leva na cabeça o pote,
5 O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata¹
Sainho de chamalote²;
Traz a vasquinha³ de cote,
Mais branca que a neve pura.
10 Vai fermosa, e não segura.

Texto A

Lianor

Mote



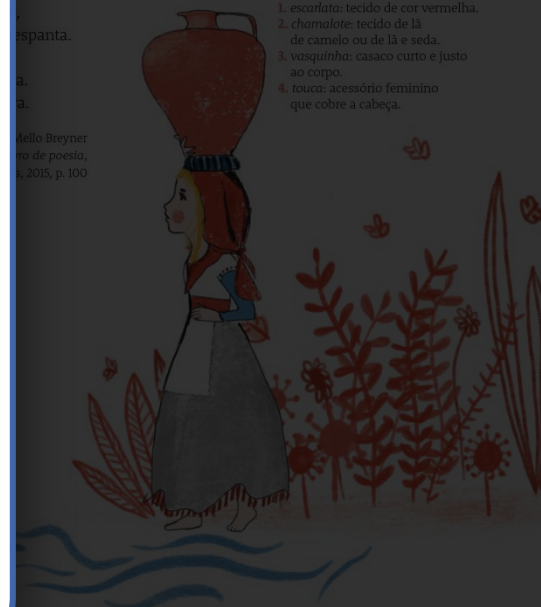
Luís de Camões

Luís Vaz de Camões é conside-
rado um dos maiores poetas da
literatura portuguesa. Nasceu,
segundo se crê, em 1524. Terá
estudado em Coimbra e, regre-
sado a Lisboa, frequentou a cor-
te de D. João III. Escreveu poesia
lírica e é o autor da epopeia por-
tuguesa *Os Lusíadas*. Faleceu
em 1580, em Lisboa.

TROCADO POR
MIGUOS

1. *escarlata*: tecido de cor vermelha.
2. *chamalote*: tecido de lã
de camelo ou de lã e seda.
3. *vasquinha*: casaco curto e justo
ao corpo.
4. *touca*: acessório feminino
que cobre a cabeça.

delo Breynier
na de poesia,
a, 2015, p. 100



<https://www.youtube.com/watch?v=UImEBsYTOm4>



Motivar

Motivar

Adaptação para texto dramático
de excerto da obra

Ali Babá e os quarenta ladrões



(Portão escuro. Atrás do mesmo é possível ver um pequeno pátio e uma casinha de adobe, pintada de branco até meia altura.)

Ali Babá:

– Feiruz! Feiruz! *(Pausa)* Feiruz!

Feiruz *(surpreendido):*

– Já estás de volta a meio do dia!

Ali Babá *(abrindo um saco):*

– Aproxima-te e vem ver!

Feiruz *(recuando um passo):*

– Ali, de onde vem todo esse dinheiro? Não o terás roubado?

Ali Babá:

– Não sei muito bem o que te diga. *(Pausa)* Pois será ladrão aquele que rouba aos ladrões?

Feiruz *(apertando as mãos com preocupação):*

– Não estou a entender nada. Tu roubaste ladrões?

Ali Babá:

– Nem vais acreditar. Eu estava a apanhar lenha, quando vi ao longe um conjunto de homens a cavalo. Com medo que fossem salteadores, trepei a uma árvore e esperei que eles passassem...

Feiruz:

– E depois?

Ali Babá:

– Sem eu contar, pararam mesmo em baixo da árvore onde eu estava e o chefe disse "Abre-te, sésamo!"

Feiruz:

– Abre o quê?

Ali Babá *(impaciente):*

– "Abre-te, sésamo!" Deixa-me acabar, mulher! De repente, abriu-se uma cavidade na saliência rochosa em frente a nós e eles entraram.

Feiruz *(confuso):*

– Entraram onde?

Ali Babá:

– Na rocha, já te disse, mulher! Deixa-me acabar. *(Pausa)* Esperei duas horas que eles saíssem, depois coloquei-me no mesmo lugar em que eles estavam e repeti a senha mágica. A rocha abriu-se novamente. Entrei...

Feiruz *(boquiaberto):*

– E depois? E depois?

Ali Babá:

– Apareceu à minha frente um tesouro impossível de descrever e eu trouxe a maior quantidade de moedas que consegui.

Feiruz *(inquieta):*

– Ali, Ali Babá! Se eles te apanhassem, estavas perdido!

Ali Babá:

– Não apanharam e agora o que interessa é que estamos ricos. Mas peço-te, Feiruz, guarda bem este segredo para ti!

Feiruz *(pegando no saco):*

– Vamos mas é contar este dinheiro todo.

Ali Babá:

– Que fazes tu? Isso é um disparate! Quando é que acabavas de contar?

Feiruz *(melindrado):*

– Se ao menos tivéssemos uma daquelas vasilhas que servem para medir as sementes, podíamos fazer uma ideia!... Eu podia ir buscar uma a casa do teu irmão!

Ali Babá:

– Por mim, não vejo o interesse disso. Mas se fazes questão!... Tem cuidado para não revelares o nosso segredo!

ASA

Adaptação para texto dramático
de excerto da obra

Nau Catrineta

Personagens: Capitão, Marujinho/Gajeiro e restante tripulação.

(As personagens encontram-se numa nau em alto mar. Os tripulantes estão esfomeados, com aspeto degradado e desnutrido.)

Capitão *(apontando para o mastro):*

– Sobe, sobe, marujinho, Àquele mastro real, Vê se vês terras de Espanha, As praias de Portugal!

Marujinho *(com uma mão acima dos olhos, tentando vislumbrar terra):*

– Não vejo terras de Espanha, Nem praias de Portugal; Vejo sete espadas nuas Que estão para te matar.

Capitão:

– Acima, acima, gajeiro, Acima ao tope real! Olha se enxergas Espanha, Areias de Portugal!

Gajeiro *(satisfeito):*

– Alvissaras, capitão, Meu capitão-general! Já vejo terras de Espanha, Areias de Portugal! Mais enxergo três meninas, Debaixo de um laranjal: Uma sentada a coser, Outra na roca a fiar, A mais formosa de todas Está no meio a chorar.

Capitão *(feliz):*

– Todas três são minhas filhas, Oh! quem mas dera abraçar! A mais formosa de todas Contigo hei de casar.

Gajeiro *(abandonado com a cabeça):*

– A vossa filha não quero, Que vos custou a criar.

Capitão *(insistindo):*

– Dar-te-ei tanto dinheiro Que o não possas contar.

Gajeiro *(determinado):*

– Não quero o vosso dinheiro Pois vos custou a ganhar.

Capitão:

– Dou-te o meu cavalo branco, Que nunca houve outro igual.

Gajeiro:

– Guardai o vosso cavalo, Que vos custou a ensinar.

Capitão:

– Dar-te-ei a Nau Catrineta, Para nela navegar.

Gajeiro:

– Não quero a Nau Catrineta, Que a não sei governar.

Capitão *(de mãos na cabeça, completamente desesperado):*

– Que queres tu, meu gajeiro, Que alvissaras te hei-de dar?

Gajeiro *(com um ar de satisfação):*

– Capitão, quero a tua alma, Para comigo levar!

Capitão *(horrorizado):*

– Renego de ti, demónio, Que me estavas a tentar! A minha alma é só de Deus; O corpo dou eu ao mar. *(E atira-se ao mar.)*

(Neste momento, todos em palco ficam imóveis. Um anjo surge, segura o capitão nos braços e não o deixa afogar. O pano cai.)

ASA

“É possível que muitos considerem este livro difícil. Mas a cultura é feita de exigência. Por isso afastei o infantilismo, o simplismo. Uma criança é uma criança mas não é um pateta.”

Primeiro livro de poesia (seleção de Sophia de Mello Breyner Andresen), Porto Editora, Porto, 2014